



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO
SETOR DE EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA –
REGIONAL SUL.

**A GYMNASTICA COMO EDUCAÇÃO DO CORPO NOS GRUPOS
ESCOLARES CURITIBANOS DO INÍCIO DO SÉCULO PASSADO:
POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO A PARTIR DE UM ANTEPROJETO
DE PESQUISA.**

Diogo Rodrigues Puchta
Mestrando em Educação pela UFPR
diogopuchta@yahoo.com.br

1. PROBLEMA

Marcado por um período de sucessivas transformações e atrelado a um espírito de mudança, o surgimento dos grupos escolares apresenta-se como uma inovação na história da educação brasileira. Com o objetivo de modernizar a instrução pública da época e espriar a educação escolarizada às massas, este novo formato de instituição escolar distingue-se significativamente do modelo de administração do ensino praticado anteriormente à sua chegada. Em vista disso, tanto a instalação de prédios apropriados quanto a implementação do modelo graduado de ensino, constituíram um dos principais destaques desta reformulação da educação. Concomitantemente, as inovações seguem à medida que um novo formato na organização do trabalho pedagógico e a constituição do espaço escolar configuram-se em conjunto com uma nova abordagem dada à questão do tempo.

Diante deste quadro de reforma, um vasto programa de ensino foi sendo estabelecido frente a necessidade de uma educação integral. Com isso, tem-se na tríade formada pela educação *physica, moral e intellectual* uma oportunidade para contemplar os objetivos visados pelos políticos e intelectuais da época. Estes, por sua vez, buscavam através da instrução pública e a partir da implementação dos grupos escolares, civilizar as massas, dulcificar seus costumes e formar/moldar o futuro

cidadão. Sendo assim, fica nítido através desta política educacional, a intencionalidade composta pela difusão de um amplo e notório discurso calcado na civilização e na racionalidade dos modos de pensar, agir e se comportar frente a um mundo que se pretendia moderno.

Foi pensando nesta inovação educacional que Rosa Fátima de SOUZA (2000) desenvolveu um trabalho relacionado à construção do currículo da escola primária no Brasil. Segundo ela, “a introdução de novas disciplinas nos programas de ensino primário, especialmente ciências, desenho e educação física, articulou-se com a linguagem da modernidade, isto é, a justificativa para a inclusão destes conteúdos culturais assinalava as contribuições que eles trariam para a modernização” (p. 12). Ao realizar este estudo, a autora utiliza como fonte o parecer sobre a reforma do ensino primário escrito por Rui Barbosa, o qual foi apresentado em setembro de 1882 à Câmara dos Deputados e posteriormente publicado no ano de 1883. Em vista disso, podemos perceber que

a introdução da *educação física* foi apresentada como uma inovação relevante. A satisfação da vida física era a primeira necessidade da infância, justificando, assim, a importância fundamental da ginástica num plano de estudos que postulava a inseparabilidade do espírito do corpo. De acordo com Rui, a educação física havia sido introduzida nos programas de ensino de vários países tendo em vista sua função moralizadora, higiênica e patriótica. O substitutivo destaca as finalidades morais e sociais da ginástica: agente de prevenção dos hábitos perigosos da infância, meio de constituição de corpos saudáveis, fortes e vigorosos, instrumento contra a degeneração da raça, ação disciplinar moralizadora dos hábitos e costumes responsável pelo cultivo dos valores cívicos e patrióticos imprescindíveis a defesa da pátria. (p. 16)

Com efeito, promover a educação física da infância era fundamental tanto para o desenvolvimento e cultivo do corpo, quanto para a formação do espírito. Diante de tamanha responsabilidade, é notória uma certa primazia da educação física em relação à formação dos futuros cidadãos. Segundo PAIVA (2003, p. 349), “seria ela a primeira educação porque, sendo a educação representada como um rol de hábitos a ser incorporados, era no corpo, pelo corpo e com o corpo que toda a educação (escolarizada) deveria se centrar e, a partir dele, se organizar”. Diante desta nova organização do ensino, encontra-se nos grupos escolares uma instituição modelar cujos exemplos que dela se emanavam deveriam ser copiados e seguidos pelos demais estabelecimentos de ensino.

No Estado do Paraná, o processo de implantação dos grupos escolares passou a ser debatido somente no início do século XX. Sobre o referido assunto, temos a contribuição dos estudos realizados por Marcus Levy Albino BENCOSTTA. Segundo

este autor (2001, p. 106), o Presidente do Estado, Francisco Xavier da Silva, de olho na experiência paulista, “considerava que o atraso no ensino primário só poderia ser resolvido com o correr do tempo, através da proposta dos grupos escolares”. BENCOSTTA nos mostra também que: “A inauguração do edifício do primeiro grupo escolar do Paraná ocorre, em 1903, após a visita feita pelo Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, Professor Victor Ferreira do Amaral, ao estado de São Paulo, a fim de conhecer maiores detalhes sobre o funcionamento e a organização dos grupos escolares daquele Estado” (p. 107).

Com o intuito de contribuir com a pesquisa histórica dos grupos escolares e da constituição da *educação physica*¹ no ensino público primário de Curitiba e, levando em consideração esta como artefato da cultura escolar – percebida na constituição dos tempos, espaços e ritos escolares –, o presente anteprojeto sinaliza como objeto de pesquisa a prática de *Gymnastica* que, segundo PAIVA (2003, p. 85), caracteriza-se como a “cadeira e/ou atividade que se tornou a forma autorizada e sistematizada de exercitação física na escola”.

Escolhemos estudar tal prática uma vez que, norteadas pelo primado da correção, esta tinha o objetivo de corrigir determinados defeitos, excluir tudo aquilo que não fosse passível de concerto e, (re)construir, diante desta perspectiva, um novo corpo, um novo cidadão. Deste modo, sua atuação no ensino primário estava atrelada à promoção do desenvolvimento físico e da transfiguração dos hábitos apresentados pelas crianças.

Por isso, investigar a cultura escolar torna-se fundamental não só para que seja possível contextualizar quais eram as intenções frente ao cumprimento de determinadas ações ou representações, mas ainda para não levarmos em consideração somente a prática, dissociando-a de seus significados.

A cultura escolar como categoria de análise pode se constituir em um importante meio de entender a instituição educativa a partir de suas características internas. Segundo Antonio VIÑAO (1995, p. 68 e 69), a cultura escolar é composta pelo

conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, [tais como] práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do fazer escolar –, objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento ... –, e modos de pensar, bem como significados e idéias compartilhadas.

Aproximada à definição proposta por VIÑAO temos a de Dominique JULIA (2001, p. 10 e 11). Para este autor,

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Neste sentido, ao trabalhar com a cultura escolar não devemos entendê-la como um fenômeno universal, e sim procurar compreender como esta se estabelece no particular, ou seja, não devemos nos ater aquilo que é preconizado, de uma maneira geral, fora da escola; e sim buscar entender como professores e alunos – em sua relação no ambiente escolar – lidam com aquilo que lhes é determinado.

Ao refletir sobre a relação entre as práticas corporais presentes na educação física das crianças e a sua inserção frente aos grupos escolares de Curitiba, uma série de questões suscitam à investigação. Deste modo, é interessante observar: quais as práticas e seus respectivos métodos engendraram a *Gymnastica* dos alunos e das alunas que freqüentavam os grupos escolares criados em Curitiba? Como estas práticas e a realização dos *exercícios físicos* e de *gymnastica* foram organizados e dispostos na constituição do tempo e na ocupação dos espaços escolares? A quem foi destinada a responsabilidade de prescrever e ensinar tais atividades? Quais as representações² que tais práticas suscitaram?

Em busca de respostas para tais questionamentos, importante se faz interrogar e interpretar os relatórios referentes à instrução pública da época. Característicos pela riqueza das informações contidas em suas linhas (e entrelinhas), estes são bastante relevantes à medida em que apresentam não só um pouco de cada situação que constitui o cotidiano escolar, como também o seu processo de construção. É em vista de tais perspectivas que privilegiamos a análise deste *corpus* documental.

¹ É preciso deixar claro que a educação física na qual estamos falando não é a disciplina Educação Física escolar na forma como a conhecemos hoje, e sim o termo utilizado na época para referenciar as práticas e os cuidados necessários para a educação do corpo.

² Apesar de não trabalhar neste momento com nenhum conceito de representação, acredito que futuramente será fundamental estabelecer um diálogo com algumas definições como, por exemplo, a de CHARTIER (1990).

O período delimitado para a realização deste trabalho justifica-se pelo fato de, em 1903, ter sido inaugurado o primeiro grupo escola no Estado do Paraná. Por outro lado, tem-se no ano de 1920, a consolidação destes novos espaços de formação na instrução pública primária paranaense.³

Partindo do período em questão, este trabalho compreende o contexto no qual os exercícios de *gymnastica* realizados nos grupos escolares caracterizaram-se pela transição de uma simples prática realizada no cotidiano escolar, à sua consolidação como mais uma disciplina componente do currículo.

Consequentemente, acredita-se que com o desenvolvimento desta pesquisa estaremos contribuindo não só para a análise do papel da *Gymnastica* no processo de escolarização da infância curitibana – nos anos iniciais do século XX –, mas também para um maior entendimento da história das disciplinas escolares no Estado do Paraná e no Brasil.

Devido à carência de estudos voltados à implementação dos grupos escolares na Capital paranaense e, por ser um período pouco explorado pelos historiadores da educação em nosso Estado, acreditamos que este trabalho virá a contribuir com a pesquisa na área temática de história e historiografia da educação através de diferentes aspectos: seja no que diz respeito ao processo de escolarização da *Gymnastica* e o seu papel na formação humana da época, seja por meio do entendimento da constituição destes estabelecimentos de ensino e da Educação Física na cidade de Curitiba, ou ainda, ao contemplar e promover um pouco da compreensão das práticas corporais escolares presentes no cotidiano destas instituições.

2. OBJETIVOS

- Problematizar como se constituiu a *Gymnastica* nos grupos escolares de Curitiba nos anos iniciais do século passado, bem como verificar quem eram os responsáveis por ministrá-la nas escolas;
- Analisar quais eram, em que momento e como foram aplicadas as práticas corporais presentes nos exercícios de *gymnastica* realizados no cotidiano destas instituições.

³ Não podemos descartar que, no decorrer da pesquisa, esta referência temporal possa vir a ser reavaliada.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Foi por meio dos ideais republicanos e diante da necessidade de implementação de um novo plano social para o desenvolvimento e progresso da nação brasileira, mais especificamente da província de São Paulo, que surgem nos finais do século XIX os primeiros delineamentos de um projeto cujo trabalho culminou nos então denominados grupos escolares⁴. Juntamente com esse processo de construção de uma nova escola, de uma nova educação, surge também a necessidade de implementação de novos saberes. Segundo PAIVA (2003, p. 314),

nos traços produtores dessa *outra* educação e dessa *outra* escola que se objetivava diferenciada do que até então se identificava como *casas de educação* pairam vestígios da produção da especificidade que, também com saberes e práticas específicas, forjavam um novo campo de intervenção e conhecimento – o da educação física.

Responsável pela educação do corpo dos meninos e das meninas que freqüentavam seus espaços, à escola caberia o papel de formar corpos apurados e disciplinados. Em vista disso, era no corpo que incidiam boa parte das práticas desenvolvidas no cotidiano escolar. Segundo VIGARELLO (1978, p. 9, apud SOARES, 1998, p. 17),

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões.

Os cuidados com o corpo começavam desde a promoção de hábitos de higiene, até o desenvolvimento da musculatura por meio da realização de *exercícios físicos*. Estes, por sua vez, não poderiam ser negligenciados pelos professores. É o que alerta a professora Julia Wanderley Petrich – responsável pela 1ª Cadeira para o sexo feminino da Capital – em seu relatório apresentado no dia 22 de dezembro de 1905 ao Ex.mo Sr. Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira, Diretor Geral da Instrução Pública:

Encarando a educação sobre o seu triplice aspecto e considerando a criança como um composto de corpo e de alma, não devera o professor esquecer-se da sua natureza *physica*, tratando em primeiro lugar dos cuidados que devem ser dispensados ao corpo. Mens sana in corpore sano e por isso deve o professor com especial atenção tratar da educação *physica* dos seus alumnos, afim de conservar-lhes a saúde, desenvolvendo-lhes os membros. A educação dos sentidos é

⁴ Sobre o surgimento dos grupos escolares no Brasil, ver SOUZA (1998).

também da mais alta importância, e para isso deverá o mestre dirigir sempre os necessários exercícios, na aula, nos passeios e em todas as ocasiões oportunas.

Ao mesmo tempo que dirige esses exercícios físicos, deve o mestre especialmente tratar da educação intelectual de seus discípulos, exercitando e desenvolvendo com igual solicitude esse precioso grupo de faculdades que constituem a inteligência. A percepção, a atenção, o juízo, a memória e a imaginação serão assim igualmente aperfeiçoados e harmonicamente desenvolvidos.

Depois da educação física e da intelectual, se ocupará o professor da educação moral, porque nesta mesma ordem é que se observa o progresso humano.

É interessante observar o destaque dado à afirmação “*Mens sana in corpore sano*”. Esta frase simboliza o tratamento dado na época à educação física e intelectual como coisas distintas. Entretanto, ambas faziam parte de um todo que, em conjunto com a educação moral, representavam a educação sobre o seu tríplice aspecto. Desenvolver corpos fortes e saudáveis, aprimorar a raça, estabelecer a ordem, eis alguns dos objetivos da educação física. Apresentando grandes contribuições para a formação de uma sociedade mais “civilizada” e “moderna”, a educação física vai conquistando seu próprio espaço, tempo e uma importância nada desprezível na educação tanto da infância, quanto da mocidade. Neste sentido e, não por acaso, ela assume o primeiro lugar na ordem apresentada por Julia Wanderley em relação ao progresso do gênero humano.

Dentre as atividades mais frequentes em relação à educação física das crianças, estava a ginástica. A inserção desta no ambiente escolar obteve grandes contribuições dos estudos realizados pelos médicos higienistas. Conforme nos mostra VAGO (2002, p. 237), “a preocupação com a fadiga escolar afetou a concepção e a distribuição do tempo e do trabalho escolar nas três primeiras décadas do século XX”. Segundo ele, “a idéia de intercalar os “Exercícios Físicos” e o Canto às demais disciplinas expõe uma preocupação de caráter higiênico, revelada na pretensão de proporcionar às crianças um descanso (relaxamento) dos trabalhos considerados intelectuais, realizados nas outras cadeiras, em sala de aula” (p. 235). Ao analisarmos o relatório enviado na data de 30/12/1905 ao Diretor Geral da Instrução Pública, Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira, pela professora da Escola Promiscua do Batel, Amelia França Gomes, podemos constatar um pouco desta preocupação. De acordo com a referida professora, “No fim de duas horas de estudo, os alunos marcham na sala de aula, executando alguns exercícios de gymnastica com levantamento e abaixamento dos braços”. Um outro exemplo encontra-se no relatório encaminhado à mesma Diretoria, no dia 15/12/1905, pela responsável da 4ª Cadeira para o sexo feminino da Capital, professora Itacelina Teixeira. Segundo ela, “os cantos escolares são executados todos os dias de aula e os exercícios de marcha também”.

Através da prática de exercícios físicos, o ensino da *gymnastica* tinha como finalidade o fortalecimento do corpo, a execução de movimentos ágeis, o desenvolvimento da coragem e o cultivo do amor à pátria. Além da manutenção da ordem e da cobrança de disciplina, a *gymnastica* deveria contribuir na formação do caráter e no processo de civilização do cidadão paranaense. Entretanto, não era apenas nos exercícios de *gymnastica* que se estabeleceram as práticas corporais presentes nos estabelecimentos de ensino em geral. De uma forma ou de outra, tais práticas apresentavam um objetivo em comum, educar o corpo daqueles que freqüentavam estes espaços de formação.

Analisando a historiografia e confrontando-a com as fontes catalogadas no Arquivo Público do Paraná⁵, pudemos perceber que é na passagem do modelo doméstico para o modelo graduado de ensino que a educação física começou a conquistar seu espaço e inserir-se com maior afinco no cotidiano escolar. Com efeito, é neste período – fins do século XIX e anos iniciais do século XX – que encontramos um maior número de fontes relacionadas à educação física na escola.

O processo de implementação do ensino graduado estava ligado a necessidade de ser ofertada uma educação integral, que se responsabilizasse pela formação da nova geração. Segundo PAGNI (1997, p. 70),

A educação física seria uma das medidas a ser adotada por essa educação geral, isto é, um projeto que começava se delinear no início deste século e tinha a pretensão de ser estendido, através de várias instituições (principalmente a escola), para a maioria da nossa população. Nesse projeto, a educação física tinha um papel fundamental na solução dos problemas relacionados à saúde individual e coletiva, bem como na formação do caráter e da identidade próprias do chamado “homem brasileiro”. Uma identidade que, além de ter por fim último estabelecer uma relação do indivíduo com o seu próprio corpo – forma-lo fisicamente e aprimorar sua saúde individual –, objetivava ser um dos meios de desenvolver a disciplina necessária à formação do caráter e à internalização de hábitos, costumes e normas necessários para o aprimoramento de nossa civilização.

Sendo assim, a educação física passa a compor o quadro das atividades presentes no interior das escolas. Entretanto, ainda estava longe desta se caracterizar como disciplina escolar. De acordo com GOODSON (1990, p. 235), “o grau de isolamento ou autonomia das matérias escolares pode ser visto, numa análise mais atenta, como estando relacionado ao estágio da evolução das matérias”. Em vista disso, podemos

⁵ Local onde foram pesquisadas as fontes com as quais estamos trabalhando.

dizer que a educação física encontrava-se ainda no primeiro estágio do modelo sugerido por LAYTON, apud GOODSON (1990, p. 235). Segundo este autor,

O inexperiente intruso assegura um lugar no horário escolar, justificando sua presença com base em fatores tais como pertinência e utilidade. Durante esse estágio, os aprendizes são atraídos para a matéria por causa de sua relação com questões de seu interesse. Os professores raramente são especialistas treinados, mas trazem o entusiasmo missionário dos pioneiros à sua tarefa. O critério dominante é a relevância para as necessidades e interesses dos aprendizes.

Desta maneira, também é buscando saber mais sobre o processo que levou a educação física de prática à disciplina, que propomos o desenvolvimento da pesquisa em questão.

4. REFERÊNCIAS

- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: *Educar em Revista*. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, n.º 18, p. 103-142, 2001.
- GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. In: *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, pp. 230-254. 1990.
- JULIA, Dominique. *A Cultura Escolar como objeto histórico*. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n.º 1, p. 9-43, 2001.
- PAGNI, Pedro Angelo. A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Sobre o pensamento médico-higienista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. *Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil*. In: *Caderno CEDES*, 1ª ed. 2000, n. 51, p. 9-28.

- VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar e cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- VIÑAO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, p. 63-82, set./dez., 1995.

4.1 FONTES

- DEAP/PR, Coleção Correspondência do Governo, v. 20, AP 1232, 1905, p. 62 a 65. Relatório da Escola Pública Promiscua do Batel apresentado ao Diretor Geral da Instrução Pública pela professora Amelia França Gomes.
- DEAP/PR, Coleção Correspondência do Governo, v. 18, AP 1230, 1905, p. 151-155. Relatório apresentado ao Diretor Geral da Instrução Pública pela professora Itacelina Teixeira referente à 4ª Cadeira para o sexo feminino da Capital.
- DEAP/PR, Coleção Correspondência do Governo, v.17, AP 1229, 1905, p.125-128. Relatório apresentado ao Sr. Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira – Digníssimo Diretor Geral da Instrução Pública – pela Professora Josephina Carmen Rocha – Professora da 1º Cadeira Promiscua da Capital.
- DEAP/PR, Coleção Correspondência do Governo, v. 17, AP 1229, 1905, p. 112 a 124. Relatório apresentado ao Ex.mo Sr. Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira – Digníssimo Diretor Geral da Instrução Pública – por Julia Wanderley Petrich, professora da 1º Cadeira para o sexo feminino da Capital.